

MUDANÇAS NO PADRÃO DE CONSUMO ALIMENTAR NA PERSPECTIVA DE AGRICULTORES FAMILIARES DO SUL DO BRASIL

Luis Augusto Araújo, Epagri/CEPA - laraujo@epagri.sc.gov.br
Antônio Marcos Feliciano, Epagri/CEPA – feliciano@epagri.sc.gov.br
Marcelo Alexandre de Sá, Epagri/CEPA – marcelodesa@epagri.sc.gov.br
Léo Teobaldo Kroth, Epagri/CEPA – leokroth@epagri.sc.gov.br

Área temática: Desenvolvimento rural e agricultura familiar

Resumo

As mudanças nos padrões alimentares das pessoas estão ocorrendo em todo o mundo, impactando significativamente a agricultura, os mercados e comércio de alimentos globais, e, com consequências para o bem-estar e a saúde humana. Este artigo objetiva apresentar uma perspectiva de agricultores familiares do Sul do Brasil sobre as mudanças em andamento no padrão de consumo alimentar da sociedade. Fez-se a opção pela abordagem de pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva. Os dados foram obtidos utilizando-se da técnica de grupo focal e de questionário estruturado. As mudanças nos padrões de consumo são fortemente percebidas como oportunidade pelos agricultores. Em decorrência da aplicação de grupo focal, se permitiu aproveitar da tendência humana de formar opiniões, quando da interação entre os agricultores durante as sessões realizadas. Além disso, pelo fato das discussões terem sido conduzidas com diferentes grupos, se identificou também as narrativas mais presentes e as tendências na percepção sobre os assuntos abordados nas reuniões. A partir da narrativa dos agricultores emergiram cinco categorias intermediárias de análise sobre as mudanças nos padrões de consumo: (1) mercado; (2) qualidade; (3) alimentos orgânicos; (4) tecnologia; e, (5) tabaco. Sinteticamente, entre as principais evidências reveladas, constam: a preocupação com a necessidade de acompanhar o mercado e de produzir para atender a sua demanda; a necessidade de entregar qualidade para atender as expectativas do mercado, como um meio para ter renda e sobreviver; a produção de alimentos orgânicos, entre as tendências e projeções do consumo de alimentos; a valorização e a percepção sobre as mudanças tecnológicas em andamento como uma oportunidade, evidenciando a necessidade da modernização tecnológica; e, a justificativa da opção pelo cultivo de tabaco, em decorrência de trabalharem num contexto de pequenas propriedades rurais. O entendimento de como os agricultores percebem as mudanças no consumo alimentar é relevante para se estabelecer estratégias e se definir as ações a serem implementadas, especialmente, no âmbito dos estabelecimentos agropecuários e nas cadeias de produção em que operam.

Palavras-chave: padrão de consumo alimentar; agricultura familiar; grupo focal.

1. Introdução

Em 1506, o sobrinho de Leonardo da Vinci, que estava com seus cinquenta anos, perguntou ao seu tio como era o mundo quando nasceu. Da Vinci respondeu que ninguém nascido depois de 1460 poderia compreender o mundo quando ele nasceu. Meio milênio depois,

de maneira semelhante, explicar a um jovem de dezoito anos como era o mundo antes do computador, do celular e da internet talvez seja algo bem difícil de se realizar. A sociedade está em meio a uma transição em que o novo terá que ser criado, desde sempre (MACIARIELLO, 2016, p. 160).

Entre as mudanças em curso, e que afetam toda a sociedade, as recentes transformações estruturais identificadas na agropecuária fomentam a gênese de um “novo período” na história rural, um momento de inflexão histórica que vem animando diversas mudanças, as quais retratam a ruptura com tendências e processos anteriores. O núcleo central dessas transformações é a condição essencialmente distinta do processo de acumulação de capital, que gradualmente vem assumindo características inéditas e determinadoras de um novo padrão agrícola e agrário, marcado, em especial, por suas manifestações financeiras (NAVARRO, 2016, p. 25).

Mais particularmente, as mudanças nos padrões alimentares estão ocorrendo de maneira generalizada em todo o mundo, com consequências para a saúde humana. De forma simultânea e intrincada às mudanças nos padrões de dieta alimentar, as tendências do crescimento populacional a taxas decrescentes, do envelhecimento da população e da urbanização representam novos desafios para a obtenção de um *status* de adequada nutrição. Além disso, as mudanças nos padrões alimentares decorrentes do aumento da população em taxa decrescente e da intensificação do processo de urbanização têm efeitos significativos sobre o fornecimento, mercados e comércio de alimentos globais (KEARNEY, 2010).

Nas últimas décadas, várias tecnologias no setor agroalimentar foram dirigidas a ampliar a oferta de alimentos chamados funcionais, que aportam benefícios nutricionais aos consumidores, e outras inovações, que agregam produtividade a agricultura e pecuária, como por exemplo, a manipulação genética. Em consequência dessas ofertas tecnológicas, também ocorreram mudanças no padrão alimentar dos consumidores (ÁVILA; HERRERA e ESPINEL, 2009). Além disso, essas mudanças nos padrões alimentares foram potencializadas pelo surgimento de novos nichos de mercados e pelo estabelecimento de novos padrões sanitários.

Especificamente no campo da prática da gestão de agronegócios familiares, ainda são incipientes os estudos sobre a percepção dos agricultores sobre as transformações que ocorrem na sociedade com relação às mudanças de padrão de consumo alimentar, e de como elas se concretizam. Nesse contexto, o objetivo deste artigo é apresentar uma perspectiva de agricultores familiares do Sul do Brasil sobre as mudanças em andamento no padrão de consumo alimentar das pessoas. Para atender tal objetivo, utilizou-se da abordagem de pesquisa

qualitativa, exploratória e descritiva, sendo que os dados foram obtidos pelo método grupo focal e com a aplicação de questionário estruturado.

Diante do exposto, o presente artigo pretende responder a seguinte questão: como os agricultores percebem as mudanças no padrão de consumo alimentar e sua influência na prática da gestão de seu negócio familiar?

2. O futuro que já chegou: as determinantes das alterações de padrão de consumo alimentar

O esforço para se prever o futuro é diferente daquele para se identificar as tendências emergentes. Com os fundamentos dessas tendências emergentes, é que se busca distinguir os padrões das verdadeiras transformações. Por outro lado, na falta dessas evidências concretas, o futurólogo busca prever o futuro. Tendo em consideração essas distinções, o importante para quem faz a prática da gestão é identificar “o futuro que já chegou”, ou ainda, identificar as mudanças que já aconteceram (MACIARIELLO, 2016, p. 169).

Na tentativa de antever o futuro, três agendas se revelam para os próximos 25 anos (2017-2042): (1) os crescentes custos de produção que estão relacionados ao trabalho, a aspectos ambientais, às operações logísticas e, mais especificamente, à complexidade tributária, aos custos da energia elétrica e do diesel, da burocracia do Estado, entre outros; (2) as mudanças estruturais da agricultura do futuro que estão relacionadas ao aumento da volatilidade de preços na agricultura e pecuária mundial, aos riscos devido às mudanças climáticas regionais e globais e maiores pressões na área de sustentabilidade, às interferências das políticas governamentais, ao portfólio tecnológico e acesso à tecnologia, ao aumento na concentração do valor bruto da produção agrícola, às mudanças no comportamento do produtor, e ao maior acesso à informação; e, (3) as tendências do consumidor, do marketing e da estratégia em alimentos e agronegócios que estão relacionadas ao crescimento da importância dos rótulos e outras fontes de informação, ao crescente interesse do consumidor pelo conhecimento em culinária, cozinhas *gourmet*, utensílios, cozinhar em casa e refeições especiais, ao mundo urbano que encara um *boom* em proteínas e procura fontes de proteína além das tradicionais carne e leite (NEVES, 2016).

A última preocupação apontada por Neves (2016), aquela relacionada às tendências do consumidor, do marketing e da estratégia em alimentos e agronegócios, é de particular interesse para o desenvolvimento deste artigo. Assim sendo, para facilitar a sua compreensão e servir de suporte teórico para as análises seguintes, abordaremos mais detalhadamente alguns dos fatores impulsionadores das mudanças no padrão de consumo de alimentos, bem como suas principais

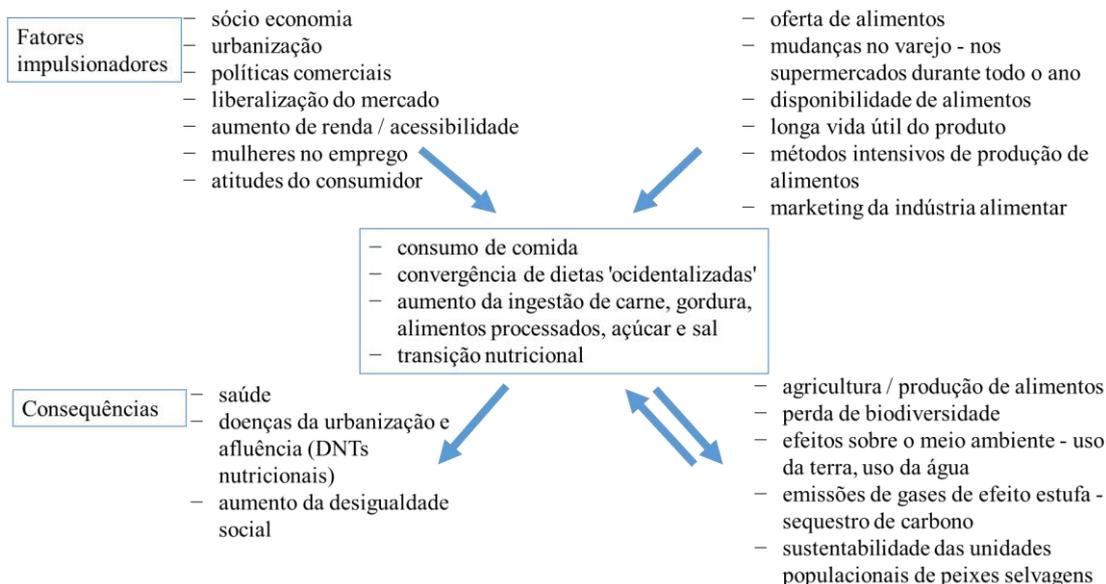
implicações.

2.1 Fatores impulsionadores e consequências das alterações de consumo alimentar

Em todo o mundo, as mudanças nos padrões de dieta alimentar estão ocorrendo largamente, com consequências para a saúde, nem sempre benéficas. A natureza dessa transição nutricional pode ser o resultado de diferenças nos fatores condutores desse processo, tais como, sócio demográficos, características do consumidor, urbanização, marketing da indústria alimentar e políticas de liberalização do comércio. Entre as consequências do processo de transição alimentar em curso, do lado do consumo está, por exemplo, o aumento das taxas de obesidade e doenças crônicas cardiovasculares e câncer e, do lado da oferta, a perda de biodiversidade e dos efeitos sobre o meio ambiente (KEARNEY, 2010).

Os principais responsáveis pelas tendências de consumo alimentar, em termos de seus fatores impulsionadores e de suas consequências, podem ser examinados na Figura 1.

Figura 1 - Os fatores impulsionadores e as consequências do consumo de alimentos mudam com o desenvolvimento econômico.



Fonte: Kearney (2010).

A renda e a urbanização são fatores determinantes nas escolhas alimentares dos indivíduos. A renda determina a qualidade dos alimentos adquiridos, indicando que quanto maior a renda mais apto se encontra o indivíduo para adquirir uma variedade maior de alimentos. Em que pesem essas observações, ter mais renda não garante uma melhor nutrição. De outro lado, na primeira década do século 21, a população urbana brasileira aumentou em mais de 23 milhões, enquanto que a população rural reduziu em mais de 2 milhões. Nessa

transição, a urbanização cria um ambiente propício para supermercados e lojas maiores tomarem o lugar dos mercados tradicionais. Assim, o acesso a alimentos pré-cozidos, salgados, açucarados e gordurosos foi facilitado pelo surgimento das grandes redes de supermercados (MORATOYA, CARVALHAES, WANDER, ALMEIDA, 2013).

As mudanças no padrão de renda da população tendem a afetar de forma diversa os distintos tipos de produtos. O aumento da renda, por exemplo, tende a elevar o consumo domiciliar de produtos como queijos e carne bovina de primeira e diminuir o consumo de produtos básicos, como arroz e feijão. Além disso, a composição etária, a presença da mulher na força de trabalho, o aumento do grau de escolaridade e outras transformações estruturais também determinam a composição da cesta de consumo alimentar. Em decorrência das mudanças nesses determinantes, são impostos novos desafios aos agricultores, à agroindústria, ao setor de distribuição de alimentos e ao governo (COELHO; AGUIAR; FERNANDES, 2009).

Nos últimos 50 anos, as mudanças nas práticas agrícolas aumentaram a capacidade mundial de fornecer alimentos à população através de aumentos de produtividade, da maior diversidade de alimentos e da menor dependência sazonal. O aumento dos níveis de renda e a queda dos preços dos alimentos também contribuíram para aumentar a disponibilidade de alimentos. Essas mudanças do lado da oferta agrícola, por sua vez, numa via de mão dupla, resultaram em mudanças consideráveis no consumo de alimentos (KEARNEY, 2010).

Dessa forma, a oferta agrícola no espaço rural brasileiro é distante de ser homogênea. Os fatores demográficos, as capacidades institucionais, as formas de ocupação da terra, os sistemas de posse, as noções culturais de propriedade, os tipos de ação governamental, além dos aspectos naturais e físicos que são essencialmente diferentes entre si, específicos da localidade ou região. Esse conjunto de elementos e fatores distintos necessariamente produzem a heterogeneidade, quando se concretiza o chamado “modelo da agricultura moderna” (NAVARRO, 2016, p. 42).

3. Material e métodos

A presente pesquisa assume características de estudo qualitativo, exploratório e descritivo. A abordagem qualitativa e a pesquisa exploratória justificam-se em função de permitirem maior entendimento acerca do problema de pesquisa e maior conhecimento dos aspectos que não podem ser facilmente observados e medidos de forma direta, como os pensamentos, as intenções e os sentimentos (AAKER; KUMAR; DAY, 2010).

O público da pesquisa foi composto por 237 estabelecimentos agropecuários da Região

Sul do Brasil, distribuídos em 12 municípios polo. Em Santa Catarina (SC), os municípios com estabelecimentos agropecuários participantes que compuseram a amostra foram: São Miguel do Oeste, Braço do Norte, Canoinhas e Rio do Sul; no Rio Grande do Sul (RS): os municípios de Canguçu, Toropi, Santa Cruz do Sul e Gramado Xavier; e, no Paraná (PR): os municípios de Irati, Laranjeiras do Sul, São Jorge do Oeste e Piên.

A amostragem foi intencional baseando-se no critério de que os estabelecimentos agropecuários estivessem participando do programa “Propriedade sustentável”¹.

3.1 Questionário

Os dados primários foram coletados em dois momentos, sequenciais: (1) por meio de questionário aplicado aos 237 agricultores e suas famílias, visando identificar a sua percepção sobre as mudanças nos padrões de consumo alimentar, entre outras variáveis de seu ambiente externo e interno; e (2) por meio da aplicação do método de grupo focal ao conjunto de agricultores participantes deste estudo.

Na aplicação do questionário, os entrevistados avaliaram as mudanças em curso como ameaça ou oportunidade, no caso do ambiente externo. Além disso, as respostas para cada variável foram ponderadas multiplicando-as por valores de 0 a 3, de acordo com o grau de importância. Na obtenção dos resultados quanto a percepção manifestada pelos agricultores, dado o total de questionários e os critérios estabelecidos de ponderação, o grau de importância máximo atribuído em cada variável foi 711 pontos (237 agronegócios familiares que responderam o questionário multiplicado por 3).

3.2 Grupo focal

As metodologias de pesquisa participativa surgem de uma insatisfação com os métodos de pesquisa clássicos. Em particular, o caso da pesquisa-ação remete a promoção de maior articulação entre a teoria e a prática na produção de novos saberes, assim como na necessidade de envolver diretamente os grupos sociais na busca de soluções para seus problemas (FERRAZ DE TOLEDO; JACOBI, 2013; THIOLENT, 2011; BARBIER, 2002; EL ANDALOUSSI, 2004).

Nesse contexto de insatisfação, a aprendizagem social fundamentada nos pré-requisitos da participação, do diálogo e da produção de saberes entre os agricultores (os tomadores de

¹ O programa “Propriedade sustentável” resulta de parceria estabelecida entre a Secretaria da Agricultura e da Pesca de Santa Catarina (SAR), a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI), as Federações dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Santa Catarina (FETAESC), do Paraná (FETAEP), do Rio Grande do Sul (FETAG) e a empresa Souza Cruz.

decisão) e os pesquisadores, têm se revelado eficaz diante de situações complexas a serem enfrentadas (FERRAZ DE TOLEDO; JACOBI, 2013; PAHL WOST; HARE, 2004).

A teoria de Lewin (1965) contribui para que se possa compreender a dinâmica dos processos de mudança, estabelecendo modelos que despertem a atenção para certo tipo de variáveis que necessitam de observação. Nesse sentido, Lewin concebeu um método para analisar relações causais e estabelecer condições de descrever estas mesmas relações, sustentando que o exame do ambiente como um todo se faz necessário para decidir qual a melhor forma de realizar uma mudança (COLOSSI et al., 2001, p. 52).

A pesquisa-ação desenvolvida por Lewin inaugurou uma nova estratégia para a intervenção científica no campo social e grupal. A pesquisa-ação é uma intervenção social que não se limita apenas em descrever e teorizar sobre um problema social do cotidiano real das pessoas, mas em resolvê-lo. Nesse processo, “sociedade, grupo e sujeito já não se encontram mais em oposição, e teoria e prática não se separam, mas se reconstróem em uma unidade que paradoxalmente não era visível” (DE MELO et al., 2016, p. 159).

Na pesquisa-ação a produção do conhecimento e as intervenções se inter-relacionam, sendo recomendável um equilíbrio na definição de objetivos práticos e de conhecimento. Os objetivos de conhecimento são aqueles voltados para a tomada de consciência e para a produção de conhecimentos considerados relevantes não apenas para o grupo investigado. Por outro lado, os objetivos mais instrumentais são aqueles voltados para a resolução de um problema prático. Tendo-se o devido respeito aos contextos socioculturais, esses objetivos podem e devem ser alcançados simultaneamente para conduzir as ações transformadoras (THIOLLENT, 2011, apud DE MELO; MAIA FILHO, 2016, p. 158).

Foram realizadas doze reuniões para aplicação das sessões de grupo focal, sendo quatro no Rio Grande do Sul, quatro em Santa Catarina e quatro no Paraná, com uma média de 19,75 pessoas em cada grupo. Os depoimentos coletados nessa fase foram armazenados em gravações de áudio, assim como na forma de texto, que expressa a transcrição desses áudios.

Cada grupo focal contou com pelo menos um moderador para incentivar a participação de todos, procurando não divergir dos temas previamente definidos sob formas de perguntas abertas. A pergunta de interesse foi “Como as mudanças na sociedade (como o crescimento e envelhecimento da população, a urbanização, a busca por alimentos e práticas mais saudáveis) influenciam na gestão de sua propriedade rural?”. Por oportuno, 36,7% das respostas dos agricultores estiveram relacionadas com as mudanças nos padrões de consumo alimentar.

Entre as regras da sessão de grupo focal pactuadas com os agricultores no início da

reunião constaram os seguintes pontos: (1) as perguntas deviam ser respondidas individualmente; (2) antes de responder cada pergunta, o agricultor identifica-se pelo nome; (3) o respondente que não tivesse opinião formada sobre a pergunta, deveria manifestar-se dessa forma; (4) a qualquer momento os agricultores poderia solicitar maiores explicações sobre as perguntas; e, (4) que a sessão seria gravada e as informações utilizadas não permitiriam identificar o autor.

3.3 Análise de conteúdo

Os dados obtidos com o grupo focal são de natureza qualitativa, assim como sua análise. Nesse contexto, existem duas formas básicas para se proceder à análise que não são excludentes entre si: (1) o sumário etnográfico que enfatiza as citações textuais dos participantes; e (2) a codificação dos dados através de análise de conteúdo que salienta a descrição numérica de como determinadas categorias explicativas aparecem ou não das discussões (IERVOLINO e PELICIONI, 2001).

Fez-se a opção pelo uso da técnica de análise de conteúdo para avaliação dos dados resultantes dos grupos focais. A definição pelo uso dessa técnica permitiu a análise do discurso dos atores sociais, os agricultores participantes da pesquisa, e ofereceu a possibilidade da identificação e frequência de elementos comuns nas suas respostas, permitindo a interpretação qualitativa de tais identificações. O método de análise de conteúdo foi usado para compor os resultados da aplicação do questionário e da aplicação do método de grupo focal nos doze polos do Sul do Brasil.

4. Resultados e discussão

Entre os aspectos relacionados as mudanças que ocorrem na sociedade, a urbanização foi aquela que evidenciou mais manifestações por parte dos agricultores, 58,6%. Em segundo lugar, emergiram as mudanças no padrão de consumo alimentar, com 36,7%, especialmente tratada neste artigo. E, por último, a tendência de crescimento e envelhecimento da população apresentou 4,6% das manifestações dos agricultores.

Os dados e resultados relativos às manifestações dos agricultores sobre as mudanças no padrão de consumo alimentar estão descritos e discutidos a seguir.

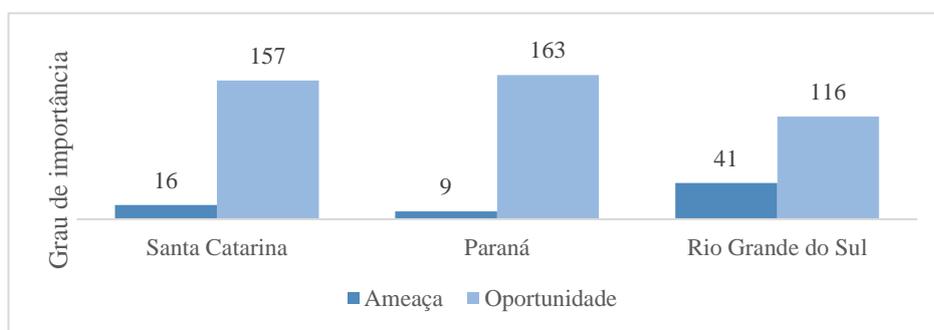
4.1 Percepções sobre as mudanças nos padrões de consumo

Na perspectiva dos agricultores, a influência das mudanças nos padrões de consumo sobre a gestão obteve valorização intermediária (grau de importância total 502) no âmbito das

variáveis relacionadas às mudanças da sociedade, com atribuição de 86,9% do grau de importância como oportunidade. A Figura 2 apresenta o grau de importância total e a percepção sobre as mudanças nos padrões de consumo atribuído pelos agricultores do Sul do Brasil, em termos de ameaça ou oportunidade.

Os agricultores do Rio Grande do Sul percebem esse fenômeno mais como ameaça (grau de importância 41), relativamente a Santa Catarina (16) e Paraná (9). A explicação para essa percepção mais negativa evidenciada pelos números dos agricultores do Rio Grande do Sul vai além dos objetivos deste artigo.

Figura 2 - Percepção e grau de importância sobre as mudanças nos padrões de consumo atribuídas pelos agricultores da Região Sul do Brasil, por estado da federação.



Fonte: elaborado pelos autores (2018).

Com o objetivo de revelar a construção progressiva das categorias de análise, que emergiram da coleta de dados, a partir da narrativa dos agricultores, o Quadro 1 sintetiza esse esquema para as mudanças nos padrões de consumo.

Quadro 1 – Categorias de análise relacionadas às mudanças nos padrões de consumo.

Categorias iniciais	Categorias intermediárias
1. Acompanhamento do mercado	i. Mercado
2. Produzir para atender a demanda	
3. Planejamento	
4. Contexto local (município)	
5. Atender as expectativas do mercado	ii. Qualidade
6. Manter a qualidade e preço menor	
7. Alternativa para ter renda e sobreviver	
8. Produzir em quantidade e entregar qualidade	
9. Uso de agrotóxico	iii. Alimentos orgânicos
10. Saúde	

11. Produzir cada vez mais e melhor para ter renda (menos serviço e produzir mais)	iv. Tecnologia
12. Investir em si mesmo	
13. Buscar inovar, mudar o ritmo e fazer diferente	
14. A pressão do governo e da sociedade	v. O tabaco
15. Produzir outras culturas (alimentos mais saudáveis abre uma janela)	
16. Pequena propriedade e a renda do tabaco	

Fonte: Elaborado pelos autores.

4.1.1 Mercado

Comparativamente às demais dimensões do ambiente externo (mudanças da sociedade, econômicas, tecnológicas e governamentais), as mudanças que ocorrem nos mercados foi a mais valorizada e evidenciou predomínio de percepção de ameaça por parte dos agricultores, com 63% do grau de importância atribuído (ARAÚJO et al., 2017).

Em linhas gerais, na categoria intermediária mercado, os agricultores explicitam a preocupação com a necessidade de acompanhar o mercado e de produzir para atender a sua demanda. Adicionalmente, inclusive para atendimento dessa preocupação, indicam a necessidade da prática de planejamento e de respeitar o contexto do local, do município e da região.

4.1.2 Qualidade

No final da década de 1990, ainda que de forma muito restrita, se percebia uma nova preocupação com a saúde e, em decorrência disto, com a qualidade do alimento. A massificação dessa preocupação ocorreu em dois sentidos, “por um lado, a procura por alimentos de fácil preparo e, por outro, a necessidade, ainda tímida, de cuidar melhor das escolhas alimentares, buscando produtos de maior qualidade” (BLEIL, 1998, p. 23).

Em que pesem estas preocupações apontadas do lado do consumo, na perspectiva da produção (dos agricultores), a palavra qualidade foi (mais intensamente) referenciada denotando a necessidade de: atender as expectativas do mercado; manter a qualidade do produto oferecido, mas ofertar com um preço menor; ser um meio para o agricultor ter renda e sobreviver do negócio agrícola; e, de produzir em quantidade, mas também entregando qualidade. Ou conforme a manifestação de alguns agricultores, é “como se fosse entregar para a sua família”.

Cabe ressaltar que os agricultores pesquisados revelam uma percepção otimista quanto à qualidade do produto entregue, em que 85,6% do grau de importância é atribuído por eles como

sendo uma fortaleza de seu estabelecimento agropecuário (ARAÚJO et al., 2017).

4.1.3 Alimentos orgânicos

Entre as tendências e projeções do consumo de alimentos para 2050, tanto a nível mundial como para as diferentes regiões do mundo, aparecem a produção de alimentos orgânicos, de alimentos funcionais e de alimentos geneticamente modificados (KEARNEY, 2010). Entretanto, nas sessões de grupo focais realizadas, a narrativa dos agricultores se concentrou unicamente em relação a produção de alimentos orgânicos.

A agricultura orgânica tende a melhorar a biodiversidade e a sustentabilidade dentro das comunidades rurais, sendo que a produção de alimentos orgânicos coloca uma forte ênfase em proteção ambiental e bem-estar animal (WILLER e YUSSEFI, 2007). Um dos agricultores referência à questão ambiental, no sentido de que “não adianta eu pequeno tentar mudar e o meu vizinho grande, não mudar, porque fica com agrotóxico ali do lado da minha propriedade”. Apesar disso, as manifestações dos agricultores salientaram o uso de agrotóxicos e a importância da alimentação orgânica para o consumidor, revelando uma preocupação e valorização mais do ponto de vista da saúde. Houve relatos como: “produzir orgânico é bom para saúde”; e, “... Mas para minha casa, nosso consumo, eu planto sem agrotóxico”.

4.1.4 Tecnologia

As mudanças tecnológicas e na prática agrícola aumentaram a capacidade de os agricultores fornecerem alimentos à população, ofertando uma quantidade maior, uma diversidade maior e uma dependência sazonal menor, conforme observado anteriormente (KEARNEY, 2010).

As mudanças tecnológicas em andamento são muito valorizadas e percebidas pelos agricultores fundamentalmente como sendo uma oportunidade (ARAÚJO et al., 2017). Entre as narrativas dos agricultores que ocorreram com mais intensidade, estão aquelas que evidenciam a necessidade de se produzir “cada vez mais e melhor”, no sentido da modernização tecnológica, para ampliar a renda dos estabelecimentos agropecuários. Com esse mesmo propósito, apontam para a necessidade de inovação, de mudar o ritmo, de fazer diferente e, para isso, precisam investir em si mesmos.

4.1.5 Tabaco

Entre as questões relacionadas às estruturas produtivas dos agricultores participantes dessa pesquisa, o tamanho e a área explorada foi a que apresentou percepção mais negativa (ARAÚJO et al., 2017). Num contexto de pequenas propriedades rurais, esse argumento foi

verbalizado pelos agricultores para justificar a opção pelo cultivo do tabaco em suas unidades de produção, como: “Eu tiro o meu sustento do tabaco, porque minha propriedade não é muito grande, então o que resta para mim é retirar a renda do tabaco”.

Por outro lado, na narrativa dos agricultores emerge também a preocupação com as pressões do governo e da própria sociedade, com a adoção de medidas contrárias ao tabagismo. Entre essas medidas, aparecem o fomento e os estímulos à produção de outras culturas, incluindo aquelas que contribuem para uma alimentação mais saudável.

A análise das categorias permitiu identificar as percepções dos agricultores sobre uma questão que possui relação com sua atividade, entretanto, essa relação nem sempre é vista de forma direta. A produção de alimentos enquanto atividade econômica é influenciada por dinâmicas e oscilações de toda ordem, incluindo movimentos globais, e os agricultores participantes da pesquisa assim comprovaram, manifestando preocupações, percebendo oportunidades para seus negócios, a partir das mudanças no padrão de consumo alimentar.

5. Considerações finais

O esforço principal deste artigo consistiu em sistematizar analiticamente a percepção e a narrativa de agricultores, gestores de agronegócios familiares da Região Sul do Brasil, relacionadas às mudanças no padrão de consumo alimentar.

A interferência das mudanças nos padrões de consumo sobre a gestão é fortemente percebida pelos agricultores como sendo uma oportunidade. Porém, obteve uma valorização intermediária no âmbito das demais tendências (relativamente menos valorizada que a tendência à urbanização e, por outro lado, mais valorizada que a tendência de crescimento e envelhecimento da população), conforme demonstramos. Apesar dessa perspectiva mais positiva por parte dos agricultores, essas outras tendências (de crescimento populacional a taxas decrescentes, do envelhecimento da população e da tendência à urbanização) pressionam e representam novos desafios para a obtenção de um padrão de consumo alimentar saudável.

A partir da narrativa dos agricultores sobre as mudanças nos padrões de consumo, emergiram cinco categorias intermediárias que foram objeto de análise: (1) mercado; (2) qualidade; (3) orgânico; (4) tecnologia; e, (5) tabaco.

Nesse seguimento de análise, sendo este artigo relacionado com a percepção, se considera a cognição a plataforma para entender como se desenvolvem as ações humanas no estabelecimento de estratégias e na tomada de decisões, no contexto das mudanças que estão em andamento no mundo. Portanto, o entendimento de como os agricultores percebem as mudanças que ocorrem na sociedade, se faz necessário para se estabelecer estratégias e definir

as ações a serem implementadas. Nesse intuito, e considerando a dinâmica própria da vida dos agricultores imersa na complexidade da realidade rural, são pertinentes novas premissas metodológicas para a pesquisa de aspectos sociais que complementam as dimensões econômicas e tecnológicas (GUILLÉN, FERNÁNDEZ, PIRE, ÁLVAREZ, 2008).

Nesse propósito, e em decorrência da aplicação do grupo focal, foi valorizada a tendência humana de formar opiniões, por ocasião da interação com os demais participantes durante as sessões realizadas. Além disso, pelo fato das discussões terem sido conduzidas com diferentes grupos, foi possível também identificar as narrativas mais presentes e as tendências na percepção sobre os tópicos de estudos definidos.

Por certo, podemos afirmar que os agricultores não são atores sociais e econômicos passivos, percebem mudanças e buscam, de alguma forma, atuar sobre elas. Dessa forma, compartilhamos que os agricultores produzem localmente, mas percebem globalmente.

Por fim, o texto buscou esboçar uma proposta de análise das mudanças que ocorrem nos padrões de consumo alimentar, a partir da perspectiva de quem faz a prática da gestão dos estabelecimentos agropecuários, os agricultores e seus familiares. Tendo em conta os resultados apontados e as discussões realizadas, espera-se abrir novos caminhos de pesquisa em ciências sociais aplicadas, especialmente voltadas a compreender as transformações em andamento no mundo rural.

6. Referências bibliográficas

AAKER, D.; KUMAR, V.; DAY, G. **Pesquisa de Marketing**. São Paulo: Atlas, 2010.

ARAÚJO, L. A. et al. **Agronegócios familiares do Sul do Brasil**: percepções do agricultor sobre o seu ambiente. Florianópolis, SC: Epagri, 2017. 60p. (BT, 181). Disponível em: http://docweb.epagri.sc.gov.br/website_cepa/publicacoes/Agronegocios_familiares_Sul_Brasil.pdf Acesso em: 5 fev. 2018.

ÁVILA, J; HERRERA, P.; ESPINEL, R. Tendencias de los consumidores y mercados de productos agrícolas: un enfoque cualitativo. In: **CONFERENCIA XLIV Asamblea Anual de CLADEA**, Guayaquil-Ecuador 2009 Nov 4. Disponível em: www.researchgate.net/profile/Jorge_Avila9/publication/228361831_Tendencias_de_los_consumidores_y_mercados_de_productos_agricolas Acesso em: 15 jan. 2018.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília, DF: Plano, 2002.

BLEIL, S.I. **O padrão alimentar ocidental**: considerações sobre a mudança de hábitos no Brasil. *Cadernos de Debate*, v. 6. n.1, p.1-25, 1998.

BUAINAIN A.M. et al. **O mundo rural no Brasil do século 21**. A formação de um novo padrão agrário e agrícola, Brasília-DF, Embrapa, Brasil. 2014.

COELHO, A.B.; AGUIAR, D.R.D.D.; AND FERNANDES, E.A. Padrão de consumo de alimentos no Brasil. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, v. 47, n. 2, p.335-362, 2009.

COLOSSI, N; CONSENTINO, A; DE QUEIROZ, EG. Mudanças no contexto do ensino superior no Brasil: uma tendência ao ensino colaborativo. **Revista da FAE**, v. 4, n. 1, p. 49-58, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://revistafae.fae.edu/revistafae/article/view/458/353> Acesso em: 20 dez. 2017.

DE MELO, A.S.; MAIA FILHO, O.N.; CHAVES, H.V. Lewin e a pesquisa-ação: gênese, aplicação e finalidade. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 28, n. 1, p. 153-9, 2016. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/Fractal/article/view/1162> Acesso em: 5 mar. 2018.

EL ANDALOUSSI, K. **Pesquisas-ações: ciências, desenvolvimento, democracia**. São Carlos: Edufscar, 2004.

FERRAZ DE TOLEDO, R.; JACOBI, PR. Pesquisa-ação e educação: compartilhando princípios na construção de conhecimentos e no fortalecimento comunitário para o enfrentamento de problemas. **Educação & Sociedade**, v.34, n. 122, p. 155-173, 2013. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/873/87326413014/> Acesso em: 20 dez. 2017.

GUILLÉN, L.; FERNÁNDEZ, S.; PIRE, A; ÁLVAREZ, C. Percepción de los agricultores sobre el manejo integrado de plagas en el cultivo de tomate. **Revista de la Facultad de Agronomía**, v. 25, n. 2, p. 223-242, 2008. Disponível em: produccioncientifica.luz.edu.ve/index.php/agronomia/article/view/12354 Acesso em: 18 jan. 2018.

IERVOLINO, S.A.; PELICIONI, M.C.F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 35, n. 2, p. 115-21, 2001.

KEARNEY, J. Food consumption trends and drivers. *Philosophical transactions of the royal society B: biological sciences*, v. 365, n.1554, p.2793-2807, 2010.

MACIARIELLO, J.A. **Um ano com Peter Drucker: 52 semanas de coaching** para tornar um líder eficiente. – 1ª ed. – São Paulo: Portfolio-Penguin, 2016.

MORATOYA, E.E.; CARVALHAES, G.C.; WANDER, A.E.; AND ALMEIDA, L.M.D.M.C. Mudanças no padrão de consumo alimentar no Brasil e no mundo. **Revista de Política agrícola**, v. 22, n.1, p.72-84, 2013.

NAVARRO, Z. S. de. O mundo rural no novo século (um ensaio de interpretação). In: VIEIRA FILHO, J. E. R.; GASQUES, J. G.; CARVALHO, A. X. Y. de. **Agricultura, transformação produtiva e sustentabilidade**. Brasília, DF: Ipea, p. 25-63, 2016. Disponível em: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/145922/1/160725-agricultura-transformacao-produtiva-cap-01.pdf> Acesso em: 5 mar. 2018.

NEVES, M. F. **Vai agronegócio! 25 anos cumprindo missão vitoriosa**. – 1ª ed. – São Paulo: Canaeste, 538 p., 2016.

PAHL WOST, C.; HARE, M. Processes of social learning in integrated resources management. **Journal of Community and Applied Psychology**, New York, v. 14, p. 193-206, 2004.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

WILLER, H.; YUSSEFI, M. The world of organic agriculture, statistics and emerging trends. Bonn, Germany: International Federation of Organic Agriculture Movements (IFOAM); Frick, Switzerland: Research Institute of Organic Agriculture (FiBL), 2007. Disponível em:

<https://shop.fibl.org/CHen/mwdownloads/download/link/id/785/?ref=1> Acesso em: 5 mar. 2018.